

# O discurso prefacial de tradutores: um estudo enunciativo

PALAVRAS-CHAVE:

Tradução • Tradutor • Paratexto • Enunciado

Valdir do Nascimento  
Flores  
Thiane Ceconi

**RESUMO:** Este trabalho propõe um estudo enunciativo de prefácios de tradutores, entendidos como paratextos (cf. Genette 1987), à luz da *Linguística dos prefácios* de Henri Mitterrand (1980), cuja base é a teoria da enunciação de Émile Benveniste. Tal texto tem, de acordo com Mitterrand (1987), características linguísticas regulares, o que permite falar em uma “gramática prefacial”. Inspirado em Benveniste, Mitterrand considera que o prefácio carrega as características do discurso em geral. O corpus estudado é composto de oito (08) prefácios que abordam o processo tradutório. Como conclusão, damos destaque à relevância dos aspectos enunciativos da instância prefacial de uma tradução - que condensa um fragmento da experiência do tradutor ao descrever a sua atividade e justificar as tomadas de decisão - como índice da visibilidade e da presença do tradutor na obra traduzida.

## INTRODUÇÃO

GENETTE, G. **Paratextos editoriais**. Tradução de Álvaro Faleiros. São Paulo: Ateliê, 2009.

MITTERAND, H. La Préface et ses loís: Avant-propôs romantiques. **Le discours du roman**, Paris, Presses universitaires de France, 1980, p. 21-34.

MARTINS, M. A voz dos tradutores shakespearianos em seus paratextos. **Tradterm**, v. 26, p. 87-120, 29 dez. 2015.

PYM, A. **Exploring Translation Theories**. Routledge: Nova Iorque, 2009.

Este trabalho<sup>1</sup> busca esboçar um estudo enunciativo de prefácios de tradutores, entendidos como paratextos (cf. Genette 1987), à luz da Linguística dos prefácios de Henri Mitterand (1980), cuja base é a teoria da enunciação de Émile Benveniste.

De acordo com Genette (1987: 9), o paratexto é “[...] aquilo por meio do qual um texto se torna livro e se propõe como tal a seus leitores, e, de maneira mais geral, ao público”. Esse texto tem, segundo Mitterand (1987), características linguísticas regulares e isso permite falar em uma “gramática prefacial”. Mitterand considera que o prefácio carrega as características do discurso tal como Benveniste o definiu, o que implica que sejam constituídos, por exemplo, pela estrutura das relações de pessoa, pela estrutura das relações de tempo, pelo jogo dos dêiticos, pelas modalidades da enunciação e pela disposição retórica.

Além da importância, per se, de descrever a “gramática” que os constitui, um motivo para estudar prefácios de tradutores é o fato de, muitas vezes, darem acesso às visões de linguagem e de tradução que guiaram o tradutor durante o processo tradutório. Como diz Martins (2015),

dentre os paratextos, aqueles escritos pelos próprios tradutores tematizando questões tradutórias nos permitem depreender posicionamentos teóricos acerca da sua práxis e entender melhor aquele produto que certamente apresentará diferenças significativas em relação a outras transposições da mesma peça. (MARTINS, 2015, p. 90)

Para Pym (2009), o prefácio pode ser visto como uma forma de compensação do tradutor, visto que marca uma posição textual diferente da posição de tradutor do texto da obra.

Apesar do que dizem os autores acima, não deixa de chamar a atenção que prefácios de tradutores não falem de tradução. Muitas vezes, vemos que há tradutores que priorizam falar sobre outros aspectos das obras

---

1. Este texto apresenta parte da pesquisa desenvolvida no interior do projeto de pesquisa Construção dos princípios gerais de uma abordagem antropológica da enunciação. A pesquisa obteve recursos do CNPq.

CARNEIRO, T. D. Proposta de parâmetros para análise de paratextos de livros traduzidos. **Tradução em Revista** - Fascículo 19, 2015.

traduzidas – o tema, a biografia do autor, a recepção da obra e o período literário ou histórico no qual se insere etc. – em detrimento do processo tradutório. Tal observação foi feita também por Carneiro (2014):

Para minha surpresa, nas obras analisadas na minha pesquisa, os prefácios de tradutor que não tratam da tradução foram muito mais numerosos do que os outros e excederam as expectativas iniciais da pesquisa. Nesses, os tradutores atuam como especialistas bem informados no autor e na obra, não se diferenciando de outros estudiosos e acadêmicos. (CARNEIRO, 2014, p. 118)

De nossa parte, gostaríamos de acrescentar que, apesar do reconhecimento relativamente generalizado da importância do prefácio de tradução como objeto de estudo, não se pode dizer que essa modalidade de texto seja estudada no âmbito dos estudos enunciativos – referencial teórico a partir do qual falamos aqui. Os trabalhos que abordam o prefácio de tradutor estão geralmente ligados a outras perspectivas de estudo (Pessoa, 2009; Rodrigues, 2009; Freitas e Silva, 2012; Carneiro, 2014; Martins, 2015; Valente, 2015; Carneiro, 2015; Amorin et al., 2015; e Martins et al., 2015).

PESSOA, M. F. C. **O paratexto e a visibilidade do tradutor**. 2009. 90 p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

Nesse sentido, acreditamos que nosso estudo – ao pretender elaborar algumas considerações sobre o assunto – pode contribuir para o campo da tradução, em geral, solidificando uma reflexão enunciativa de estudo do fenômeno tradutório, com ênfase no prefácio como objeto. Com essa intenção, estudamos, a seguir, um corpus composto de oito (08) prefácios que abordam o processo tradutório.

VALENTE, M. I. O paratexto do tradutor como importante elemento para a inteligibilidade da obra traduzida: o caso de Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo. *Aletria*, Belo Horizonte, v.25, n.2, p. 293-310, 2015.

Procurou-se analisar os termos pelos quais o tradutor, eu, se apresenta na enunciação do prefácio, se endereça ao leitor, tu, e, enfim, reflete sobre a própria tradução, ele. Soma-se a isso, um estudo sobre o aqui, que situa o leitor em um espaço comum ao do enunciador, e, por fim, o agora, que antecede a leitura da obra traduzida (cf. Mitterrand 1987).

Para tanto, fazemos o seguinte percurso: inicialmente (cf. item 1), apresentamos o referencial teórico que nos conduz. No caso, a teoria de Benveniste e a releitura feita por Mitterrand. Em seguida (cf. item 2), apresentamos a metodologia que deverá nortear nossas análises. Na terceira parte (cf. item 3), procedemos às análises. Finalmente, são apresentadas as conclusões (cf. item 4).

## 1. A LINGUÍSTICA DOS PREFÁCIOS À LUZ DA TEORIA DE BENVENISTE

Nesta parte, apresentamos a teoria da enunciação de Benveniste desenvolvida e explorada, em especial, na obra *Problemas de Linguística Geral I*, publicada no ano de 1966 e também a reflexão desenvolvida por Mitterrand, no capítulo intitulado *La Préface et ses lois: avant-propos romantiques* presente na obra *Le discours du roman* (1987). Após, apresentamos a importância desse conjunto de reflexões para os estudos do fenômeno tradutório.

### 1.1. A BASE ESTABELECIDADA POR BENVENISTE

É a teoria da enunciação criada por Émile Benveniste que sustenta a Linguística prefacial de Henri Mitterrand. As características da enunciação são exploradas em diversos textos da obra de Benveniste, encontrados em *Problemas de Linguística Geral I* (1966)<sup>2</sup>. Neles, Benveniste inaugura o quadro figurativo da enunciação com a distinção entre as relações de pessoa (1ª e 2ª) e não pessoa (3ª), respectivamente, *eu*, *tu* e *ele*. *Eu* caracteriza-se como “[...] a pessoa que enuncia a presente instância de discurso que contém eu” (1996: 278); *tu* como “[...] indivíduo alocutado na presente instância de discurso contendo a instância linguística *tu*” (1966: 279), consideradas pessoas, e o *ele*, a não pessoa (Flores, 2014), que tem propriedades distintas da primeira e segunda pessoas, sendo elas:

[...] a propriedade 1.º de se combinar com qualquer referência de objeto; 2.º de não ser jamais reflexiva da instância de discurso; 3.º de comportar um número às vezes bastante grande de variantes pronominais ou demonstrativas; 4.º de não ser compatível com o paradigma dos termos referenciais como aqui, agora, etc. (BENVENISTE, 1966, p. 283)

Por fim, Benveniste define que o *aqui* e o *agora* “delimitam a instância espacial e temporal coextensiva e contemporânea da presente em instância de discurso que

FLORES, Valdir do Nascimento. **Introdução à Teoria Enunciativa de Benveniste**. 1. Ed. São Paulo: Parábola, 2014. v. 1. 198p.

---

2. Como se sabe, há reflexão sobre enunciação, também, em *Problemas de linguística geral II*, originalmente publicado em 1974, a exemplo do célebre texto “O aparelho formal da enunciação”. No entanto, nos limitamos a tratar apenas o primeiro volume da obra de Benveniste porque é ele que comparece na proposta de Mitterrand (1987).

contém *eu*” (1966: 279). O linguista também estabelece que quem organiza as relações espaciais e temporais em torno do sujeito são os indicadores da dêixis, demonstrativos, advérbios e adjetivos (1966: 288).

## 1.2. A REFLEXÃO DE MITTERAND

Em 1980, Henri Mitterand inaugura uma reflexão sobre o prefácio do romance, definindo-o como um documento sobre a teoria do romance. Mitterand afirma que o prefácio, por ter marcas linguísticas específicas, carrega as características do discurso estabelecidas por Benveniste, e as exemplifica a partir dos prefácios de três obras francesas do século dezenove: a) *L'échafaud*, de 1832, atribuído a Anne Bignan; b) *La Comédie humaine*, de 1842, de Balzac e c) a segunda edição de *Thérèse Raquin*, de 1868, de Zola.

Tais características são a estrutura de relações de pessoa, a estrutura de relações de tempo, o jogo dos dêiticos, as modalidades da enunciação e a disposição retórica. De acordo com os nossos objetivos neste trabalho, temos interesse especial em verificar como se configura a estrutura enunciativa das relações de pessoa, tempo e espaço no discurso prefacial acerca da tradução.

Mitterand inicia sua análise com as relações de pessoa, especificamente com a primeira, eu, ressaltando que o prefácio de *L'échafaud* começa com o morfema de pessoa “*Notre*”. Após, localiza “*moi*” em *La Comédie humaine*, observando que se trata do eu explicitamente marcado, e explica que pouco importa se há a marcação gramatical ou não, ou em qual modulação o eu está presente, porque ele sempre está falando as palavras de alguém (1980: 22).

Em seguida, ao tratar da segunda pessoa *tu*, Mitterand chama atenção para o fato de que, por vezes, o leitor é convocado explicitamente ou implicitamente. A terceira pessoa, porém, é empregada, por vezes, na literatura e é possível que a terceira pessoa diga respeito a múltiplos referentes ao mesmo tempo.

Quanto às relações de tempo, Mitterand destaca uma característica fundamental para refletirmos sobre o prefácio: ele é sempre um posfácio. É elaborado após a escrita do livro, e sempre articula a leitura do livro como posterior à leitura do prefácio; sendo utilizados, deste modo, o presente perfeito ou um presente que articula o futuro. Exemplifica através do prefácio de *L'échafaud*, que emprega o tempo presente articulando o futuro ***a dépouillé tant de vérités de leur enveloppe, que la littérature ne peut plus mentir***” (1980: 23)

---

3. “Peu importe qu'elle s'exprime par je ou par un *nous* qui n'est que le déguisement, la pose de modestie d'un *je*, ou encore par une troisième personne postiche, renvoyant nommément à l'auteur ou à un de ses substituts.”

Por fim, Mitterrand ressalta que o uso de dêiticos, modalizadores, demonstrativos e advérbios - termos que de alguma maneira expressam a posição do enunciador - situam a enunciação em um espaço e tempo, que, neste caso, é comum ao prefaciador e ao leitor, pois ambos têm o mesmo universo de referência.

Isso posto, importa fazer uma pequena observação de caráter quase metodológico: a reflexão de Mitterrand foca o prefácio *autoral*, ou seja, aquele que, na definição de Genette (1987), é escrito pelo autor da obra. Nós, porém, trataremos de prefácios alógrafos, especificamente escritos por tradutores, mas nesta categoria estão incluídos também os prefácios escritos por editores e convidados.

### 1.3. O PREFÁCIO DO TRADUTOR

Consideramos importante a reflexão de Mitterrand em relação aos prefácios tradutórios porque eles documentam a experiência do tradutor. Acreditamos na importância da visibilidade do tradutor pois, de acordo com Arrojo (1992:70): “quanto mais visível se tornar a presença do tradutor no texto traduzido, quanto maior sua visão - ou sua “visibilidade” - acerca do processo do qual é agente e promotor, menores serão as chances de que seja ignorado, marginalizado e indignamente remunerado”. Nesse sentido, partimos da recusa à premissa da invisibilidade do tradutor, para compreender os prefácios tradutórios como um momento de presença do tradutor pois, como observam Flores e Hoff (2018:355), eles “podem diminuir o isolamento do tradutor, já que o colocam em contato com o público leitor da tradução”.

A análise dos termos pelos quais o tradutor, eu, se apresenta na enunciação do prefácio, se endereça ao leitor, tu, e, enfim, reflete sobre a própria tradução, ele, são fundamentais para identificarmos a posição do tradutor com relação ao seu trabalho e seu público. É possível identificar escusas, referências a trabalhos passados, teorias de língua e de tradução etc..

ARROJO, R. A tradução passada a limpo e a visibilidade do tradutor. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, v. 19, 1992.

FLORES, V. N. ; HOFF, S. L..**Os tradutores e a tradução: o paratexto como lugar de reflexão sobre o sentido na linguagem**. Revista Ecos, v. 25, p. 351-373, 2018.

Martins (2015) reconhece isso ao afirmar que

na medida em que traduzir é um processo contínuo de fazer escolhas, seja de caráter macro, que diz respeito a estratégias gerais, ou micro, concernente a soluções pontuais, é de vital importância que o público da tradução conheça minimamente a “filosofia” do tradutor, como diz Millôr Fernandes, e possa apreciar o seu esforço para atingir os objetivos visados. (MARTINS, 2015, p.91)

Desse modo, com vistas a apreender fragmentos da experiência do tradutor na sua práxis, a partir da subjetividade que ele propõe de modo explícito no prefácio, analisaremos, a seguir, um *corpus* textual em cada uma das características da enunciação de Benveniste que fundamentam a proposta de Mitterand.

## 2. A METODOLOGIA

A seguir detalharemos o *corpus* de estudo assim como a metodologia utilizada na análise dos prefácios que o compõem.

### 2.1. SOBRE O CORPUS

Foram selecionados oito prefácios escritos pelos tradutores das obras nas quais se inserem. O critério de seleção estabelecido foi a presença de discussão acerca do ato tradutório.

Para facilitar o entendimento da análise, os prefácios são codificados. O quadro abaixo apresenta as informações que consideramos importantes para caracterização do *corpus*.

Quadro 1 - descrição do *corpus*

| Código | Livro   | Autor                                  | Ano de publicação | Tradutor(es)  | Paginação |
|--------|---|--|-------------------|---|-----------|
| P#1    | Clínica psicanalítica e neogênese                     | Silvia Bleichmar                       | 2005              | Alicia Brasileiro de Mello, Homero Vetorazzo Filho e Maria Cristina Perdomo | p. 9-12   |
| P#2    | Geologia de Campo de Terrenos Gnáissicos de Alto Grau | C. W. Passchier, J.S. Myers, A. Kröner | 1993              | Mario C. H. Figueiredo  | p. 11-12  |
| P#3    | A Negação   | Sigmund Freud                          | 2014              | Marilene Carone   | p. 9-13   |

| Código | Livro   | Autor                  | Ano de publicação | Tradutor(es)                      | Paginação             |
|--------|---|------------------------|-------------------|-----------------------------------|-----------------------|
| P#4    | Misto-quente  | Charles Bukowski       | 2018              | Pedro Gonzaga                     | p. 5-6                |
| P#5    | O diário de Gian Burrasca                           | Vamba (Luigi Bertelli) | 2011              | Reginaldo Francisco               | p. 7-10               |
| P#6    | Poderes selvagens: a crise da democracia italiana   | Luigi Ferrajoli        | 2014              | Alexander Araujo de Souza         | [livro sem paginação] |
| P#7    | Trilha estreita ao confim                           | Basho                  | 1997              | Kimi Takenaka e Alberto Marsicano | p. 20                 |
| P#8    | Vida de Santa Tereza de Jesus escrita por ela mesma | Santa Tereza de Jesus  | 1998              | Rachel de Queiroz                 | p. 7                  |

Com a intenção de elaborar um trabalho relativamente representativo de áreas diferentes da produção literária e científica, foram selecionados prefácios de naturezas distintas. Assim, buscamos observar como tradutores de áreas variadas se posicionam como *eu*, estabelecem o leitor, *tu*, e discorrem sobre a tradução, *ele*, em um *aqui-agora*. Os prefácios selecionados estão distribuídos nas seguintes áreas.

Quadro 2 - áreas representadas pelo *corpus*

| Código | Área               |
|--------|--------------------|
| P#1    | Psicologia         |
| P#2    | Geologia           |
| P#3    | Filosofia          |
| P#4    | Romance            |
| P#5    | Infanto-juvenil    |
| P#6    | Ciências jurídicas |
| P#7    | Poesia             |
| P#8    | Autobiografia      |

Ainda sobre o quadro 2, vale comentar que acreditamos que ele permite dar destaque a um ponto importante: a literatura especializada antes referida é de fundamental importância teórica, no entanto, são estudos que analisam o discurso prefacial no escopo da literatura, especificamente prefácios de obras de William Shakespeare (MARTINS, 2015) e obras literárias francesas do século XX (CARNEIRO, 2014). De nossa parte, preferimos constituir um *corpus* mais heterogêneo, com vistas à generalização de algumas considerações ao final de nosso trabalho.

### 3. SOBRE A ANÁLISE

A análise é realizada a partir de cada aspecto enunciativo (cf. Mitterrand 1980), com a descrição da forma de apresentação que o tradutor emprega – o termo específico utilizado – e a sua classificação gramatical, além do trecho para visualização do contexto de uso. Após analisar cada prefácio, apresentamos um quadro com a reunião das informações encontradas.

#### 3.1. SOBRE O CORPUS

Iniciamos a análise com a primeira pessoa estabelecida na enunciação, eu. Para Benveniste “*Eu* significa ‘a pessoa que enuncia a presente instância de discurso que contém eu’” (1966: 278); Mitterrand (1980), por sua vez, destaca que eu pode aparecer explicitamente através de “eu”, “nós”, “meu”, ou não ser marcado gramaticalmente. Porém, *eu* está sempre presente.

O quadro a seguir apresenta algumas das formas através das quais o tradutor *eu* se apresenta em cada prefácio e o correspondente contexto de uso.

Quadro 3 - formas de apresentação do “eu” e ocorrências

| Prefácio | Forma de apresentação eu  | Trecho  |
|----------|---|---|
| P#1      | - pensamos<br>- vimos   | - “Pensamos, à primeira vista, por nosso contato e envolvimento com a obra e pela identificação com as questões nela tratadas, que nosso trabalho seria apenas fácil e produtivo.”<br>- “Vimos, entretanto, logo no início, que não seria bem assim.”   |
| P#2      | - a mim e a Wilson, nos encarregássemos<br>- percebemos<br>- encarreguei-me<br>- entusiasmei-me<br>- minha experiência, posso<br>- preferiu-se<br>- meus agradecimentos | - “[...] solicitou a mim e a Wilson Teixeira que nos encarregássemos da tradução [...]”<br>- “[...] percebemos que a mesma tinha sido extensivamente ampliada [...]”<br>- “[...] a tarefa foi reiniciada e encarreguei-me da tradução completa [...]”<br>- “[...] entusiasmei-me pelo trabalho [...]”<br>- “[...] com minha experiência pessoal de quase vinte anos em pesquisas neste ramo, posso avaliar [...]”<br>- “[...] preferiu-se mantê-la algo repetitiva para não correr o risco de dubiedade”<br>- “[...] meus agradecimentos a Umberto [...]” |
| P#3      | - não optamos<br>- teríamos<br>- nosso  | - “[...] não optamos por traduzir ‘Verneinung’ por ‘denegação’ [...]”<br>- “Para desdobrar a ‘Verneinung’ em dois outros termos, teríamos que decidir [...]”<br>- “Ora, [...] são termos intelectualizados, sofisticados, distantes do nosso “modo popular de pensar”.  |

| <b>Prefácio</b> | <b>Forma de apresentação eu</b>              | <b>Trecho</b>   |
|-----------------|--|---|
| P#4             | - creio<br>- vou<br>- tentei<br>- foi-me     | - “Creio não ser ousadia incluir [...]”<br>- “Não vou entrar no mérito de colocar gírias [...]”<br>- “Tentei estabelecer uma tradução [...]”<br>- “Foi-me de grande valia nessa empreitada o apoio [...]” |
| P#5             | - me<br>- quis<br>- procurei<br>- traduzi    | - “[...], a Editora Autêntica me confiou a agradável missão de traduzi-lo.”<br>- “Ao realizar esse trabalho, quis dar ao leitor a oportunidade [...]”   |
| P#6             | - tentou-se<br>- optou-se<br>- realizaram-se | - “Tentou-se preservar ao máximo [...]”<br>- “[...] optou-se por verter termos e expressões [...]”<br>- “[...], realizaram-se somente reduzidíssimas e inevitáveis adaptações à língua portuguesa.”       |
| P#7             | - apresentamos aqui<br>- procuramos          | - “Apresentamos aqui em ordem cronológica [...]”<br>- “Procuramos transmutar no português [...]”  |
| P#8             | - procurei<br>- dedico, peço<br>- releve-me  | - “Procurei fazer trabalho honesto [...]”<br>- “[...] especialmente à minha amiga Alba Frota a quem dedico esta tradução, peço que leia [...]”<br>- “Releve-me os anacronismos gramaticais [...]”         |

O quadro a seguir apresenta, de forma condensada, os termos de apresentação de eu de maior ocorrência.

Quadro 4 - formas de apresentação do eu condensadas por ordem de frequência

| <b>Forma de apresentação eu</b> | <b>Prefácios</b>    |
|---------------------------------|---------------------|
| Primeira pessoa do singular     | P#2, P#4, P#5, P#8. |
| Primeira pessoa do plural       | P#2, P#3, P#7.      |
| Voz passiva analítica           | P#2, P#6.           |

Notamos, a partir do conjunto das ocorrências, que os tradutores se apresentaram na primeira pessoa do singular em quatro prefácios. Nas ocasiões em que havia mais de um tradutor, foi utilizada a primeira pessoa do plural e, em dois prefácios, os tradutores utilizaram a voz passiva analítica, proporcionando um efeito de distanciamento do leitor. O tradutor de P#2 flutuou entre a primeira pessoa do plural e a do singular por descrever o processo de tradução, que iniciou em colaboração com um colega, mas foi levado a cabo individualmente.

Em seguida analisaremos a forma como o tradutor endereça seu leitor *tu*, momento no qual o tradutor introduz a situação de elocução, situando-se em simetria com eu (BENVENISTE, 1966). Mitterand (1980) salienta que o leitor é o destinatário do prefácio, “um parceiro, ora explicitamente em apóstrofe ora implicitamente convocado”<sup>4</sup> (1980: 22).

Quadro 5 - formas de apresentação do “*tu*” e ocorrências

| Prefácio | Forma de apresentação <i>tu</i>  | Trecho  |
|----------|--|---|
| P#1      | - os leitores  | - “Esperamos que os leitores possam encontrar, nas questões trabalhadas nestes seminários [...]”  |
| P#2      | - os geólogos  | - “[...]os geólogos que trabalham ou venham a trabalhar em tais áreas terão [...]”  |
| P#3      | n/d  | n/d   |
| P#4      | - vocês  | - “Por fim, deixo vocês com o jovem Henry Chinaski [...]”   |
| P#5      | - você<br>-ao leitor<br>- leitores brasileiros como você               | - “Você já deve ter notado que existem muitos diários [...]”<br>- “Ao realizar este trabalho, quis dar ao leitor a oportunidade [...]”<br>- “[...] mas tornar o texto italiano acessível para os leitores brasileiros como você.”             |
| P#6      | - estudantes, juristas e filósofos do direito brasileiro<br>- o leitor | - “Esta é mais uma obra de Luigi Ferrajoli que os estudantes, juristas e filósofos do direito brasileiro tem o privilégio de desfrutar.”<br>- “[...] a fim de que o leitor familiarizado com a sua majestosa obra o identificasse de pronto.” |
| P#7      | n/d  | n/d   |
| P#8      | - ao leitor católico   | - “Ao leitor católico, especialmente à minha amiga Alba Frota [...]”  |

No quadro a seguir condensamos os termos utilizados pelo tradutor para endereçar o leitor.

Quadro 6 - formas de apresentação do “*tu*” condensadas por ordem de frequência

| Forma de apresentação <i>tu</i>                           | Prefácios           |
|---|---------------------|
| o(s) leitor(es)   | P#1, P#5, P#6, P#8. |
| você(s)   | P#4, P#5.           |
| não endereça o leitor                                     | P#3, P#7.           |
| os geólogos   | P#2.                |
| os estudantes, juristas e filósofos do direito brasileiro | P#6.                |

4. De même, le *tu* du lecteur, destinataire de la préface, partenaire tantôt explicitement apostrophé, tantôt implicitement convoqué.

É possível notar que o leitor é mais frequentemente endereçado na terceira pessoa em vez de diretamente a partir de “você”. Os prefácios P#3 e P#7 não endereçam o leitor em nenhum momento e o prefácio de número dois especifica qual a formação acadêmica do leitor, devido ao fato de ser um manual destinado especificamente a geólogos e dificilmente será lido pelo público geral, assim como o prefácio de número seis, que estabelece como seu público-alvo “os estudantes, juristas e filósofos do direito brasileiro”. O prefácio de número oito merece destaque por especificar o seu público, o “leitor católico” e também o prefácio de número cinco, por especificar o “leitor brasileiro” e não as outras nacionalidades lusófonas.

Em seguida, partiremos à análise da terceira pessoa, a não pessoa, que, de acordo com Mitterand (1980: 22),

a terceira pessoa é, por sua vez, empregada de múltiplas maneiras, referindo-se às vezes à literatura e suas espécies, às vezes à crítica, às vezes à sociedade. No discurso de eu para tu, a terceira pessoa, diferentemente dos dois primeiros, pode designar sucessivamente ou ao mesmo tempo múltiplos referentes<sup>5</sup>.

Para o linguista, em prefácios elaborados pelos próprios autores dos romances, o objeto principal do discurso é a literatura.

Sendo o *corpus* de estudo formado especificamente por prefácios que mencionam a tradução, espera-se que o assunto sobre o qual os tradutores discorram seja a tradução, mas cabe destacarmos que tradutores não abordam a questão da práxis frequentemente. Carneiro (2014), ao analisar prefácios de obras literárias francesas traduzidas no Brasil observou que:

De modo geral, os prefácios de tradutor podem ser divididos em dois grandes grupos: 1. os prefácios que não tratam da tradução; e 2. os prefácios que tratam da tradução. Para minha surpresa, nas obras analisadas na minha pesquisa, os prefácios de tradutor que não tratam da tradução foram muito mais numerosos do que os outros e excederam as expectativas iniciais da pesquisa. Nesses, os tradutores atuam como especialistas bem informados no autor e na obra, não se diferenciando de outros estudiosos e acadêmicos. (CARNEIRO, 2014, p. 118)

No caso desta pesquisa, o critério de seleção do corpus de estudo foi a menção da tradução no prefácio, então, deste modo, cabe a nós analisarmos quais foram os assuntos discorridos.

---

5. “...la troisième personne est pourpartmultiplementemployée, renvoyant tantôt à la littérature et à ses espèces, tantôt à la critique, tantôt à la société. Dans le discours de *je à tu*, la troisième personne, à la différence des deux premières, peut désigner successivement ou en même temps de multiples référents”.

Quadro 7 - assuntos percorridos em “ele” e ocorrências.

| Prefácio | Assuntos   | Trecho   |
|----------|--|--|
| P#1      | A. A obra<br>B. Entusiasmo<br>C. Dificuldades<br>D. Objetivos<br>E. A obra<br>F. Expectativas<br>G. Agradecimentos | A. “Nos seminários que compõem esta publicação, a autora, sem a preocupação de ser original [...]”<br>B. “[...] que, ao lê-lo, nos animamos a traduzi-lo”.<br>C. Esta proximidade que, aparentemente, deveria facilitar o trabalho de tradução, revelou-se no inverso [...]”<br>D. “Optamos então por manter o tom coloquial, mesmo que, [...]”<br>E. “Estruturalmente, Clínica Psicanalítica e Neogênese está dividido em dois movimentos principais”.<br>F. “Esperamos que os leitores possam encontrar, nas questões trabalhadas nestes seminários, ressonâncias que lhes permitam reorganizar [...]”.<br>G. “Agradecemos às colegas psicanalistas, [...] pelo auxílio e sugestões durante o processo de tradução”. |
| P#2      | A. Projeto de tradução<br>B. Entusiasmo do tradutor<br>C. Objetivos<br>D. Agradecimento                            | “A oportunidade de realizar esta tradução surgiu [...] Entretanto, ao recebermos a versão final (versão 5), percebemos que a mesma tinha sido extensivamente ampliada”<br>“Entusiasmei-me pelo trabalho, não somente pela excelente qualidade do livro [...]”<br>“Em detrimento de um estilo literário mais apropriado ao vernáculo, esta tradução é tão literal quanto possível, [...]”<br>“Gostaria de expressar meus agradecimentos a Umberto Giuseppe Carodani pelo convite para realizar esta tarefa [...]”.  |
| P#3      | A. Autor<br>B. Possíveis traduções<br>C. A obra<br>D. Recepção   | A. “Não deixa de ser intrigante o desdém com que Freud fala de algumas [...]”<br>B. Contrariando uma certa corrente francesa, em particular a representada por Lacan e seus seguidores, não optamos por traduzir ‘Verneinung’ por ‘denegação’ [...]”<br>C. É em uma dessas tentativas de ‘ver com precisão as obscuridades’ que nasce o texto Verneinung”.   |

| Prefácio | Assuntos  | Trecho  |
|----------|---|---|
| P#4      | A. Contexto literário<br>B. Autor<br>C. Aparente simplicidade x Profundez da obra<br>D. Tentações<br>E. Objetivos<br>F. Outras traduções<br>G. Cedência | A. A juventude do artista, o momento em que se dá sua formação de escritor, [...] parecem ser temas inesgotáveis para a literatura.” [...] Creio não ser ousadia incluir entre esses títulos emblemáticos Misto-quente, de Charles Bukowski”.<br>B. “Bukowski é, atualmente, autor bastante conhecido do público brasileiro. [...] Ao mesmo tempo, porém, Bukowski ainda não conseguiu se livrar do estigma de ator de segunda linha [...]”.<br>C. Há na aparente simplicidade do texto [...] uma profundez abissal, profundez que podia ser facilmente perdida com a tradução para o português [...]”<br>D. “[...] ou com a tentação, muitas vezes irresistível, de temperar o texto com gírias da nossa época”.<br>E. “Tentei estabelecer uma tradução que mantivesse os abismos abertos, [...]”.<br>F. “Foi-me de grande valia nessa empreitada o apoio das traduções espanhola e italiana [...]”.<br>G. “Por fim, deixo vocês com o jovem Henry Chinaski e o relato de sua infância [...]”.   |
| P#5      | A. A obra<br>B. Comparação com hoje<br>C. Objetivos<br>D. Exemplos de estratégias<br>E. A obra<br>F. Dedicatória  | A. “Você já deve ter notado que existem muitos diários que acabam virando livros ou livros escritos na forma de diário.” [...] “Como toda criança, qualquer que seja a época ou o lugar, ele gosta de brincar, se divertir [...]”<br>B. “Por outro lado, vivendo na Itália do século passado, Giannino faz tudo isso num contexto bem diferente do nosso.”<br>C. “Ao realizar esse trabalho, quis dar ao leitor a oportunidade de se divertir observando as diferenças e as semelhanças do que falei acima. Por isso, procurei não adaptar demais o livro [...]”<br>D. “Para isso, algumas vezes me permiti usar construções que são comuns no português coloquial, mas que não estão corretas, de acordo com a língua padrão.” [...] “Mas ainda tem outra coisa que me deixa feliz’ em vez de ‘Mas ainda há outra coisa...’”.<br>E. “Bom, agora só está faltando contar um pouco mais da história do livro (a história dele, não a que ele conta)”.<br>F. “Vamba, [...], dedicou-o às crianças da Itália para que pedissem aos pais que lessem. Agora as crianças e os adolescentes do Brasil também podem fazer o mesmo”. |

| Prefácio | Assuntos  | Trecho  |
|----------|---|---|
| P#6      | A. A obra<br>B. Objetivos<br>C. Resultados<br>D. Agradecimento  | A. “Esta é mais uma obra de Luigi Ferrajoli que os estudantes, juristas e filósofos do direito brasileiro tem o privilégio de desfrutar.”<br>B. “Tentou-se preservar ao máximo o estilo linguístico utilizado pelo professor Ferrajoli, [...]”<br>C. “Assim, sem nenhum sacrifício às ideias do mestre, realizaram-se somente reduzidíssimas e inevitáveis adaptações à língua portuguesa.”<br>D. “Resta, então, somente agradecer, ainda uma vez, ao maestro Luigi Ferrajoli por nos brindar com mais esplêndida obra.”  |
| P#7      | A. A obra<br>B. Objetivos<br>C. Haiku   | A. “Apresentamos aqui em ordem cronológica, o ciclo completo das três viagens de Basho, pela primeira vez traduzidas em nossa língua, diretamente do japonês.”<br>B. “Nesta tradução, extremamente literal, procuramos transmutar no português o fluctissonante ritmo magnético e o solene fluxo imagético dos escritos originais”.<br>C. “zênite como se Basho aqui estivesse”   |
| P#8      | A. Dificuldades da tradução<br>B. Objetivos<br>C. Dedicatória<br>D. Pedido<br>E. Escusa<br>F. Agradecimento | A. “Terá sido ousadia esta tentativa de tradução da autobiografia de Santa Teresa de Jesus. A empresa é difícil; o pensamento da grande carmelita é muitas vezes obscuro, e sua linguagem, já por demais rica e pessoal, tem ainda a desafiar os esforços do tradutor leigo todos os escolhos do vocabulário místico.”<br>B. “Procurei fazer trabalho honesto, interpretar conscienciosamente a narrativa no seu verdadeiro clima, não lhe mutilar a força lírica dos arroubos poéticos e conservar o mais possível a densa atmosfera espiritual, que é um dos seus principais encantos.”<br>C. “Ao leitor católico, especialmente à minha amiga<br>D. Alba Frota, a quem dedico esta tradução, [...]”.<br>E. “[...] peço que leia o livro com confiança; [...]”<br>F. “Releve-me os anacronismos gramaticais e outros defeitos deste trabalho [...]”<br>G. “Muito obrigada.” |

Podemos identificar assuntos comuns entre os tradutores, como a declaração dos objetivos e uma breve narração sobre a obra traduzida. A tabela a seguir agrupa os assuntos em ordem de frequência.

Quadro 8 - assuntos discorridos em “ele” condensados por ordem de frequência.

| Assunto                                      | Prefácios                          | Assunto                 | Prefácios |
|--|------------------------------------|-------------------------|-----------|
| Objetivos                                    | P#1, P#2, P#4, P#5, P#6, P#7, P#8. | Resultados              | P#6.      |
| A obra                                       | P#1, P#3, P#5, P#6, P#7.           | Haiku                   | P#7.      |
| Agradecimento                                | P#1, P#2, P#6, P#8.                | Escusa                  | P#8.      |
| Dedicatória                                  | P#5, P#8.                          | Contexto literário      | P#4.      |
| Dificuldades                                 | P#1, P#8.                          | Cedência                | P#4.      |
| Autor  | P#3, P#4.                          | Outras traduções        | P#4.      |
| Entusiasmo do tradutor                       | P#1, P#2.                          | Comparação com hoje     | P#5.      |
| Aparente simplicidade x Profundidade da obra | P#4.                               | Pedido                  | P#8.      |
| Tentações                                    | P#4.                               | Projeto de tradução     | P#2.      |
| Recepção                                     | P#3                                | Exemplos de estratégias | P#5.      |
| Expectativas                                 | P#1                                | Possíveis traduções     | P#3       |

A partir da análise dos dados é possível notar que tradutores dos prefácios estudados mais frequentemente discorrem sobre a sua práxis a partir da descrição dos objetivos que tinham em mente ao realizar o trabalho. Os assuntos elencados em segundo lugar no quadro de frequência são a descrição da obra traduzida e agradecimentos a parceiros, amigos e colegas de profissão.

Carneiro (2014), ao analisar obras literárias, conseguiu identificar um padrão a ponto de propor uma análise dos movimentos e passos frequentemente apresentados no discurso prefacial de tradutores literários de obras francesas. Tal padrão não pode ser identificado aqui por se tratarem de prefácios de obras de áreas diversas, ocasionando em dissemelhanças quanto ao discurso esperado e liberdade dada ao tradutor.

Por fim, o *aqui-agora* pode ser analisado a partir da localização de dêiticos, demonstrativos, advérbios e adjetivos. Devido ao fato de que são extensivas as ocorrências de tais índices, iremos destacar alguns exemplos representativos do quadro geral.

Quadro 9 - forma de apresentação dos índices do “aqui-agora”

| Prefácio | Forma de apresentação | Trecho  |
|----------|-----------------------|---|
| P#2      | - futuro do presente  | - “Assim, os geólogos que trabalham ou venham a trabalhar em tais áreas <b>terão</b> , com a presente publicação, um livro-texto imprescindível.”<br>- “Com a minha experiência pessoal de quase vinte anos em pesquisas neste ramo, posso avaliar quão útil <b>será</b> este manual [...]” |

| Prefácio | Forma de apresentação | Trecho   |
|----------|-----------------------|--|
| P#4      | - dêiticos temporais  | <p>- “Bukowski é, <b>atualmente</b>, autor bastante conhecido do público brasileiro.”</p> <p>- “Ao mesmo tempo, porém, Bukowski <b>ainda</b> não conseguiu se livrar do estigma de ator de segunda linha [...]”.</p> <p>- “[...] ou com a tentação, muitas vezes irresistível, de temperar o texto com gírias da <b>nossa época</b>”</p> <p>- “Tentei estabelecer uma tradução que mantivesse os abismos abertos, que mantivesse o frescor ainda presente no original, mais de vinte anos <b>depois</b> de sua publicação, [...]”</p>  |
| P#5      | - dêiticos temporais  | <p>- “Ele é da <b>época dos seus tataravós</b>. Ou dos seus bisavós.”</p> <p>- “Por outro lado, vivendo na Itália e no <b>início do século passado</b>, Giannino faz tudo isso num <b>contexto bastante diferente do nosso</b>.”</p> <p>- “Por outro lado, apesar de ser uma história de “época”, não quis traduzir utilizando uma linguagem artificialmente envelhecida, pois queria que a tradução soasse natural para o <b>público de hoje</b>, mais ou menos como imagino que o texto devia soar para o <b>público da sua época</b>.”</p> <p>- “<b>Agora</b> as crianças e adolescentes do Brasil também podem fazer o mesmo.”</p> |
| P#6      | - dêiticos temporais  | <p>- “Desnecessário por óbvio ressaltar a importância e a magnitude da obra de Ferrajoli, sem a menor sombra de dúvidas um dos maiores juristas filósofos e teóricos do direito <b>da atualidade</b>, cujos escritos repercutem e constituem objeto de discussões não somente em terreno europeu, mas igualmente em todo o continente americano.”</p>  |

Em sua maior parte, os tradutores utilizam dêiticos temporais para localizar a obra traduzida em relação ao tempo da leitura do texto por parte do interlocutor. O prefácio que mais inseriu dêiticos temporais foi o que tinha como público-alvo crianças e adolescentes, por ter como objetivo uma comparação entre o mundo do personagem principal e o mundo dos leitores. O prefácio de número dois faz marcação explícita da ordem de leitura do livro, estabelecendo o prefácio como antecessor da leitura do manual, como esperado por Mitterrand.

#### 4. CONCLUSÃO

Ao analisarmos o discurso prefacial de tradutores é possível observar usos regulares de certas características linguísticas, o que Mitterand (1980) chama de “gramática prefacial”. Isto é, os tradutores enunciam-se como eu, endereçam o tu, discorrem sobre el” e referenciam-se em aqui-agora a partir de formas linguísticas recorrentes, analisadas em oito prefácios neste trabalho.

No corpus de estudo, a maior parte dos tradutores se apresentou na primeira pessoa do singular e endereçou seu leitor a partir das formas “o(s) leitor(es)”. A utilização de voz passiva analítica, ao nosso ver, reforça premissas de que o tradutor deveria ser invisível e não estabelecer diálogo com o leitor; já a utilização das primeiras pessoas do singular e plural são índices da visibilidade e presença do tradutor na obra. A forma de convocação do leitor também pode ser pensada deste modo, visto que não há menção ao leitor em dois prefácios, deixando-se de estabelecer diálogo.

Quanto à reflexão sobre sua práxis, foi mais comum entre os prefaciadores discorrer sobre os objetivos da tradução, vistos por nós como momentos em que podemos explicitamente ler um fragmento da experiência do tradutor ao descrever a sua atividade e justificar as tomadas de decisão. Na questão da referenciação do tradutor em relação ao tempo e espaço, a análise seletiva demonstrou que dêiticos de tempo são os mais frequentemente utilizados para instanciar a enunciação em tempo comum com o leitor. Deste modo, a partir da análise de oito prefácios, concluímos que os aspectos enunciativos da instância prefacial de uma tradução podem atuar como índices da visibilidade e da presença do tradutor na obra traduzida, colocando-o em evidência quando espera-se a transparência. Tal apropriação é significativa de acordo com Arrojo (1992:70) pois “quem se percebe ‘visível’, pode reconhecer-se no que faz e reivindicar o reconhecimento daqueles que utilizam e avaliam seu trabalho”.

---

**Valdir do Nascimento Flores** (vnf.ufrgs@gmail.com)

Professor Titular em Língua Portuguesa do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Pesquisador PQ-CNPq.

**Thiane Ceconi** (thiane.ceconi@gmail.com)

Graduanda de Bacharelado em Letras -Tradutor Português e Inglês na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Bolsista de Iniciação Científica PIBIC CNPq-UFRGS.

---

### **Como citar esse artigo**

FLORES, Valdir do Nascimento; CECONI, Thiane. O discurso prefacial de tradutores: um estudo enunciativo. **Revista Gatilho**, UFJF, v. 18, p. 32-52. out. 2020.

---

### ***Translator's prefacial discourse: an enunciative study***

*ABSTRACT: This paper proposes an enunciative study of translators' prefaces, taken as paratexts (cf. Genette 1987), under Henri Mitterrand's (1980) Linguistics of the preface, which was based on the enunciation theory of Émile Benveniste. Such text has recurring linguistic characteristics as Mitterrand (1987) points out, and this allows us to talk about a "Grammar of the preface". Inspired by Benveniste, Mitterrand considers that the preface carries the characteristics of the discourse as a whole. The corpus we studied is composed of eight (08) prefaces which address the translation process. As a conclusion, we highlight the relevance of the enunciative aspects present in the instance of the translator's preface – which contains a fragment of the translator's experience when describing their practice and justifying their decisions - as an index of the visibility and the presence of the translator in the work they translate.*

**KEYWORDS:** Translation. Translator. Paratext. Enunciation.

## REFERÊNCIAS:

- ARROJO, R. A tradução passada a limpo e a visibilidade do tradutor. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, v. 19, 1992. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8639195>>. Acesso em: 13 de abr. 2020.
- BENVENISTE, É. **Problemas de linguística geral I**. Pontes: Campinas, 1988.
- C MARA, E. O.. O paratexto na tarefa do tradutor: uma análise de elementos paratextuais. 2014. 108 p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/269517>>. Acesso em: 23 jul. 2019.
- CARONE, M. Introdução - Um claro enigma de Freud. In: FREUD, S. **A negação**. Tradução de Marilene Carone. São Paulo: Cosac Naify. 2014. p. 9-13.
- CARNEIRO, T. D. Proposta de parâmetros para análise de paratextos de livros traduzidos. **Tradução em Revista**- Fascículo 19, 2015. Disponível em: <<https://doi.org/10.17771/PUCRio.TradRev.25577>>. Acesso em: 23 jul. 2019.
- DE MELLO, A. B., FILHO, H. V., PERDOMO, M. C. Prefácio dos tradutores. In: BLEICHMAR, S. **Clínica psicanalítica e neogênese**. Tradução de Alicia Brasileiro de Mello, Homero Vetorazzo Filho e Maria Cristina Perdomo. São Paulo: Annablume. 2005. p 9-12.
- DE QUEIROZ, R. Nota da tradutora. In: DE JESUS, S. T. **Vida de Santa Tereza de Jesus escrita por ela mesma**. Tradução de Rachel de Queiroz. São Paulo: Loyola. 1998. p.7.
- DE SOUZA, A. A. Prólogo do tradutor. In: FERRAJOLI, Luigi. **Poderes selvagens: A crise da democracia italiana**. Tradução de Alexander Araujo de Souza. São Paulo: Saraiva, 2014, n.p.
- FIGUEIREDO, M. C. H. Nota do Tradutor. In: PASSCHIER, C.W., MYERS, J. S., KRÖNER, A. **Geologia de Campo de Terrenos Gnáissicos de Alto Grau**. Tradução de Mario C. H. Figueiredo. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. 1993. p. 11-12.
- FLORES, Valdir do Nascimento. **Introdução à Teoria Enunciativa de Benveniste**. 1. Ed. São Paulo: Parábola, 2014. v. 1. 198p.
- FLORES, V. N. ; HOFF, S. L.. **Os tradutores e a tradução: o paratexto como lugar de reflexão sobre o sentido na linguagem**. Revista Ecos, v. 25, p. 351-373, 2018. Disponível em: <<https://ava5.unemat.br/index.php/ecos/article/view/3326/2665>>. Acesso em: 23 jul. 2019.
- FRANCISCO, R. Prefácio. In: BERTELLI, L.O **diário de Gian Burrasca**. Tradução de Reginaldo Francisco. São Paulo: Autêntica. 2011. p. 7-10.
- GENETTE, G. **Paratextos editoriais**. Tradução de Álvaro Faleiros. São Paulo: Ateliê, 2009.
- GONZAGA, P. Apresentação. In: BUKOWSKI, C. **Misto-quente**. Tradução de Pedro Gonzaga. Porto Alegre: L&PM. 2018. p. 5-6.
- MARTINS, M. A voz dos tradutores shakespearianos em seus paratextos. **Tradterm**, v. 26, p. 87-120, 29 dez. 2015. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/issn.2317-9511.v26i0p87-120>>. Acesso em: 23 jul. 2019.

MITTERAND, H. La Préface et ses lois: Avant-propôs romantiques. **Le discours du roman**, Paris, Presses universitaires de France, 1980, p. 21-34.

NUNES, P. A. Por uma abordagem enunciativa da tradução. **Conexão letras**, v. 7, n. 7 (2012). Disponível em: <<https://doi.org/10.22456/2594-8962.55458>>. Acesso em: 23 jul. 2019.

PESSOA, M. F. C. **O paratexto e a visibilidade do tradutor**. 2009. 90 p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. Disponível em: <<https://doi.org/10.17771/PUCRio.acad.16281>>. Acesso em: 23 jul. 2019.

PYM, A. **Exploring Translation Theories**. Routledge: Nova Iorque, 2009.

TAKENAKA, K., MARSICANO, A. Nota dos tradutores. In: BASHÔ, Matsuo. **Trilha estreita ao confim**. Tradução de Kimi Takenaka e Alberto Marsicano. São Paulo: Iluminuras. 1997. p. 20.

VALENTE, M. I. O paratexto do tradutor como importante elemento para a inteligibilidade da obra traduzida: o caso de Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo. *Aletria*, Belo Horizonte, v.25, n.2, p. 293-310, 2015. Disponível em: <<http://doi.org/10.17851/2317-2096.25.2.293-310>>. Acesso em: 23 jul. 2019.